

*Férias para Sempre* soa como a tradução de um filme de Sessão da Tarde.

Para nomear um conjunto que preza por ambiguidades, o título sugere uma qualidade metafórica e o gosto pelo contrassenso: de um eufemismo para morte até o estereótipo do fazer artístico. Em dicotomia tragicômica, estamos diante de pinturas que desvendam paisagens encenadas, ideais para curtir até morrer.

Havia, porém, um título provisório durante os meses que antecederam a abertura da exposição e, portanto, que acompanhou parte do processo: “As Rodrigueanas”.

Quem é Rodrigues? — essa foi a pergunta que fiz sem cerimônia e que me deduro por não ter pescado a referência. A familiaridade com a adjetivação proveniente do universo de Nelson e indagações menos constrangedoras vieram na sequência.

Seriam rodrigueanas as paisagens com luzes dramáticas, a natureza das figuras que as habitam, ou algo invisível que paira entre Tiago Carneiro da Cunha e suas pinturas?

Mais letrado em T.C.C. do que em N.R., resgato um conceito que lhe atribuo.

A ideia de “recompensa visual” significa a satisfatória apreensão de uma pintura que entrega ao vivo. Obter prazer pela aproximação do olhar é fator crucial no desenrolar de uma relação crítica com o plano pictórico e os pormenores da linguagem.

Ao acompanhar seu trabalho de perto, invariavelmente me surpreendi com a especificidade na aferição da pincelada que funciona ou não funciona, dado o rigor com o qual Tiago examina a consumação das suas pinturas. Corro o risco de me deleitar num gesto que ainda não atingiu seu auge de “gostosura” — com sua eloquência. É quando o pintor coloca o ponto final: no seu caso, a pontuação tende a ser uma pincelada um pouco mais estreita que cava e borra uma camada anterior densa o suficiente para revelar a intensidade da cor e fazer deslizar o novo gesto.

No entanto, será engano se presumir que a análise categórica designa poder absoluto ao sujeito espectador, detentor dos olhos, do juízo e/ou do pincel.

Ao contrário: no ateliê, o risco que paira sobre a derradeira demão pode significar destinos opostos: descarte ou glória. Reside, aqui, um atributo tão valioso quanto elusivo da obra de Tiago Carneiro da Cunha. A lógica interna de sua pintura, que não contemporiza meio-certos e cria superfícies destemidas, concede tanto poder à fatura desafiadora quanto à busca por prazer.

Na sobreposição de sessões que miram acontecimentos fortuitos, sua pintura acumula camadas de imprevisibilidade e lapidação. Área de luz vira nuvem, que vira pedra, que vira sombra do corpo: metamorfoses que anseiam criaturas arrebatadoras. Contudo, conforme a espessura de tinta condensa tentativas frustradas suficientes, não é rara a sentença máxima. Nesse drama, as rodrigueanas sobreviventes brilham.

A provocação de apelidar o conjunto de pinturas, tal qual as de um impressionista, expõe a veia satírica do artista. Há, nessa menção ao autor, o reconhecimento de qualidades formativas endêmicas. Para o satírico pintor, a herança rodrigueana suscita identidade e cidadania. E que não é sobre deveres e direitos. Estamos sob uma mesma bandeira de drama e moral. Suas composições tragicômicas adaptam o que é viver nessas coordenadas, fazendo bom uso de signos do desbunde tropical e de nossa realidade esculachada. Entretanto, a crueza com que Nelson arrasta à luz essas tensões se difere da virtuosidade com a qual Tiago ilumina e ambienta.

Ademais, não precisei de muita iluminação para tatear a seguinte provocação do dramaturgo: “entre o público e a obra de arte, quem tem razão é sempre a obra de arte”. Uma asserção rodrigueana que encontra a insaciabilidade criativa de T.C.C.. A autonomia concedida à obra de arte por Nelson Rodrigues ecoa a reverência à pintura-bem-pintada por parte do artista carioca-ex-paulistano de maneira pouco óbvia.

Ambos parecem acreditar nessa verdade e assumem o risco de conceber janelas para admirar, encarando. Do lado de lá se vê o ambiente fluminense, doméstico ou silvestre, de sonho ou memória, que faz parte do enredo e atua junto. Apesar da natureza rodrigueana — de N.R. — não ser paisagem e, sim, corpo e clausura, as paisagens rodrigueanas de Tiago Carneiro da Cunha aparentam ser contemplativas e, no entanto, revelam qualidades avessas, antropomórficas e agentes.

A despeito do cenário, a animalidade humana é assumida, seja no atrevimento instintivo, ou na provocação erótica. Ser bicho, fazer parte do todo, mas evitando uma chave idílica e assumindo a crueza realista. E se na obra de Rodrigues as pessoas esbarram — e se esbarram — em conflitos e resoluções, as figuras que habitam essa série parecem flertar com a solitude, como se desfrutassem da companhia dos elementos. Contudo, o artista não se basta com a noção romântica de contemplação. Afinal, Tiago dirige suas vítimas protagonistas, enquanto vão do ridículo ao sublime, numa estranha ópera muda. E vê-lo se equilibrar — convicto e atrevido — em tamanha dualidade, num momento de proselitismo e acanhamento artístico-comercial, me anima.

Nós da plateia, na penumbra, assistimos e julgamos essas figuras humanas/arbóreas em cena, sob o holofote intenso de cores suadas. O tempo é elástico, até suspenso. Não há cotidiano. Paira uma fantasia atávica ou futura — difícil de atestar. O corpo, em contrapartida, não faz a mesma viagem dimensional, repousa. Entre a espreguiçada e um espasmo muscular passam mil anos, talvez mais, vide a transformação dos biomas numa espécie de time-lapse que atravessa eras de erosão e regeneração. Quem sabe, sutis mudanças cênicas surtiram efeito.

E logo o drama humano volta à cena: há suficientes nuances para que as lentas contorções — de cerdas e pernas — desnudem outras possíveis circunstâncias. Penso no último suspiro, no mais recente orgasmo; enfim, férias; ambivalência oxidada em luz espessa, ar denso e água crespas. Exuberância que escapa da autoindulgência e serve de laboratório para descobertas. Na teatralidade desses palcos pictóricos, Tiago Carneiro da Cunha venera a tradição, mas deixa à mostra sua atração por contornos e traços cartunescos e psicodélicos. Constrói à medida que conduz a tinta, avesso à imagem de referência, pensando em composição, luz e contraste. Eis que uma relação de sinergia entre figura e fundo se estabelece e ancora o conjunto de trabalhos, conforme variações na direção de feixes solares e eixos musculares, troncos e tórax, raízes, braços e galhos guiam nosso olhar na caça e coleta de recompensas visuais.